

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
GABRIEL ANTONIO DA SILVA**

**O MÉTODO CARTESIANO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA
FILOSOFIA**

Juiz de Fora
2021

GABRIEL ANTONIO DA SILVA

**O MÉTODO CARTESIANO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA
FILOSOFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Filosofia do
Uniacademia Centro Universitário, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Me. Regina Lúcia
Praxedes de Meirelles

Juiz de Fora
2021

SILVA, Gabriel Antonio da. **O Método Cartesiano e suas contribuições para o ensino da Filosofia.** Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Graduação em Filosofia, do Uniacademia Centro Universitário, realizado no 2º semestre de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles (Uniacademia)
Orientadora

Prof. Dr. Robione Landim (Uniacademia)

Prof.^a Dra. Mabel Salgado (Uniacademia)

Examinado em:

Dedico este trabalho, à minha família, especialmente à minha mãe Ana, à minha tia Aparecida, aos meus avós maternos João Olímpio e Dionísia (*in memoriam*) e àqueles que estiveram ao meu lado no caminho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus Pai, que por sua bondade e graça me auxiliou ao longo de toda minha história, por conceder-me ânimo para superar todos os obstáculos no caminho.

Ao Uniacademia Centro Universitário, pelo ambiente amigável e confortável que proporciona e também pela acolhida e oportunidade de desenvolver minha formação acadêmica.

À amada Diocese de São João del Rei, na pessoa do Exmo. Revmo. Sr. Dom José Eudes Campos do Nascimento, ao Seminário Diocesano São Tiago, pela acolhida e incentivo durante minha caminhada formativa. Ao reitor magnânimo, Rev. Sr. Padre Javé Domingos da Silva, que me incentivou em minha formação espiritual e intelectual, bem como aos irmãos seminaristas pelo apoio.

Ao corpo docente e à coordenação, pela dedicação e companheirismo nesses anos de formação acadêmica, me ensinando a prática do pensar e me possibilitando desenvolver minhas capacidades intelectuais.

À Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles, que com zelo e disponibilidade me orientou para que este trabalho conclusivo pudesse acontecer.

De modo especial, a minha gratidão à minha amada mãe, Ana, que sempre presente em meu caminho, me incentivou para que isso acontecesse. A todos os meus familiares, que com alegria fraternal sempre me apoiaram e me fortaleceram.

Aos colegas, companheiros de turma e de trabalho acadêmico, que com suas palavras e presença me animaram e encorajaram nesses anos de curso. Sempre estarão presentes em minha memória.

Ao Revmo. Sr. Padre Odair José de Carvalho, grande incentivador em minha caminhada de formação, sempre dispensando dedicação e atenção.

Por fim, o meu agradecimento a todos que contribuíram para que esta pesquisa pudesse ser realizada. Gratidão!

Não basta termos um bom espírito, o mais importante é aplicá-lo bem!
René Descartes

RESUMO

SILVA, Gabriel Antonio da. **O Método Cartesiano e suas contribuições para o ensino da Filosofia**. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2021.

O presente trabalho tem como objetivo analisar o método desenvolvido por René Descartes, tendo como ponto central o exercício da dúvida e como este método pode contribuir para o ensino de Filosofia como parte da formação integral dos sujeitos. O caminho em que se desenvolveu este trabalho iniciou com uma contextualização do filósofo René Descartes e como seu pensamento influenciou todo o contexto filosófico. Analisamos o percurso que Descartes fez para alcançar um conhecimento verdadeiro. Nesse percurso destaca-se o método e suas regras. O resultado deste procedimento foi a emergência de um sujeito pensante. Quando bem usada a razão leva o sujeito a conhecer, sendo a aplicação do método caminho para a verdade absoluta das coisas. O método é caminho importante para que o indivíduo possa descobrir o novo e sair de sua inércia. Verifica-se que o exercício do duvidar além de caracterizar o conhecimento filosófico, também favorece a um pensamento crítico, e não apenas um conhecimento detentor de informações.

Palavras-chave: Método Cartesiano. Sujeito. Ensino de Filosofia. Dúvida Metódica

ABSTRACT

The present work aims to analyze the method developed by René Descartes, having as its central point the exercise of doubt and how this method can contribute to the teaching of Philosophy as part of the integral education of subjects. A path was done in which a contextualization of the philosopher René Descartes was developed and how his thought influenced the whole philosophical context. We analyze Descartes' way of attaining true knowledge. In this course we highlight the method and its rules. The result of this procedure was the emergence of a thinking subject. When reason is well used, it is the subject to know, and the application of the method is the way to the absolute truth of things. The method is path within the teaching and an important way to the student discover the new and get out of its inertia. In the teaching of Philosophy, it is verified that doubting characterizes the philosophical knowledge and also favors a critical thinking and not only a knowledge with information.

Keywords: Cartesian Method. Subject. Teaching Philosophy. Methodical Doubt.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O CONTEXTO HISTÓRICO DE RENÉ DESCARTES	11
2.1	A RUPTURA COM A TRADIÇÃO.....	15
3	O MÉTODO DE RENÉ DESCARTES	19
3.1	O SUJEITO NO PENSAMENTO DE RENÉ DESCARTES	24
4	A DÚVIDA COMO CAMINHO PARA O FILOSOFAR	29
4.1	O EXERCÍCIO DE DUVIDAR.....	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Na hodiernidade, a educação integral tem sido considerada um dos grandes instrumentos para o desenvolvimento e divulgação do conhecimento produzido pelo homem em diferentes áreas, social, política, histórica, acadêmica, médica, jurídica, entre outras, considerada, assim, uma forma de transformação dos sujeitos (LIBÂNEO, 2013). Por sua própria natureza, a de construir e compartilhar tal conhecimento, o processo de educar acontece pela intervenção de um método e, como tal, a sua apreensão pode lançar mão de várias ferramentas e uma delas é a reflexão pela dúvida. Porém, poderíamos nos perguntar, como conhecer pela dúvida? Seria a dúvida cartesiana um caminho eficaz para a validação do conhecimento? O ato de duvidar, refletir sobre um determinado arrazoado, anuncia que uma nova compreensão acerca de uma questão poderá surgir.

Posto isto, a proposta desta pesquisa tem como objetivo principal ressaltar a importância do método presente na Filosofia de René Descartes (1596-1650) como caminho para a apreensão do conhecimento verdadeiro e para a educação dos sujeitos, considerada do ponto de vista integral. Assim, a questão de investigação que norteou este trabalho de conclusão de curso pode ser descrita da seguinte forma: como o método cartesiano contribui para o ensino de filosofia como parte da formação integral dos sujeitos?

Para Descartes, o caminho para alcançar tal objetivo deve se dar através do correto uso da razão; se esta não for capaz de alcançá-lo, isso acontece porque o método falhou. Na busca por um conhecimento certo e indubitável, este pensador toma como caminho a dúvida metódica, manifesta por meio de argumentos claros e distintos, logicamente organizados, colocando em questão todo e qualquer conhecimento que não possa ser considerado válido sem que passe antes pelo crivo da racionalidade humana.

Para demonstrarmos o quão é importante o método na filosofia cartesiana, foi tomada como principal referencial teórico a obra **Discurso do Método** (2018), publicada em 1637, que trata a verdade de forma gradativa, elevando-a pouco a pouco até o mais alto nível de validação. Para adentrarmos ao pensamento cartesiano, foi preciso também compreender o seu contexto histórico. Por isso, na primeira parte deste trabalho priorizou-se por fazer tal contextualização, destacando as condições culturais, políticas e religiosas da época em que se encontrava o filósofo e como esse

contexto influenciou o seu pensamento. Nesse ponto, foram de grande valia as obras **História da Filosofia** de Reale e Antiseri (2007), mostrando a disposição política e os contextos histórico, social e cultural em que se visualiza o pensamento de René Descartes.

Um segundo objetivo foi executado ao apresentar a importância do método para a construção do conhecimento em Descartes, suas regras e o passo-a-passo que o compõem. A partir dele, compreender-se-á a noção de sujeito racional pensante, que é a centralidade da filosofia cartesiana. A razão como determinante no processo de duvidar, chegando, assim, ao *ergo sum*, penso, logo existo. O sujeito pensante, usando da razão, pode fornecer conhecimento seguro e verdadeiro sobre as coisas, diferenciando a filosofia cartesiana da tradição até então predominante que era o escolasticismo, um método ocidental de pensamento crítico e de aprendizagem. Na terceira e última seção, foi proposta uma reflexão sobre como o método cartesiano pode favorecer o trato com uma área específica do conhecimento, a Filosofia, e o quanto o exercício do duvidar pode ser reconhecido como um caminho que conduz ao próprio ato do filosofar. Para fundamentar essa etapa, lançou-se mão da obra **Meditações Metafísicas** (2016), de autoria do próprio pensador. Como suporte na interpretação do pensamento cartesiano, utilizamos o texto **Descartes e a invenção do sujeito** (2017), de Joceval Andrade Bittencourt.

Foram utilizadas também as obras pedagógicas **Didática** (2013), de José Carlos Libâneo, que oferece um panorama sobre a questão do aprendizado, **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio** (2012) de Sílvio Gallo. Por fim, para aclarar termos e/ou expressões significativas a esta pesquisa, foi utilizado, ainda, o dicionário de Filosofia **Nicola Abbagnano** (2007).

Este trabalho de conclusão de curso foi elaborado a partir de pesquisas bibliográficas de cunho qualitativo que permitiram a construção de um texto narrativo etnográfico em que foram observados aspectos da vida em sociedade e seus reflexos na atualidade, levando em consideração o método idealizado por René Descartes.

2 O CONTEXTO HISTÓRICO DE RENÉ DESCARTES

Como já assinalado na introdução, esta pesquisa tem por finalidade discorrer sobre o pensamento do filósofo moderno René Descartes e a importância do método por ele construído. A relevância deste estudo se dá sobretudo porque o filósofo “inaugura de forma mais acabada o pensamento moderno” (MARCONDES, 2007, p. 164). Porém, para abordar propriamente o tema do método, faz-se necessário apresentar o contexto histórico no qual se insere a filosofia cartesiana. O problema a ser enfrentado é analisar o método que René Descartes utilizou para a construção de um conhecimento mais seguro e verdadeiro das coisas.

Por modernidade, século XV ao XVIII, pode-se entender um período da história que se caracteriza por mudanças que são percebidas no âmbito intelectual, científico, religioso e social. O que se pretende aqui é trazer um pouco sobre as características históricas desse período e suas transformações, bem como sobre suas influências no pensamento cartesiano. A Europa, descobrindo e desbravando novas terras, aumentando, assim, seu domínio sobre outras áreas do mundo, a Reforma Protestante, que rompe com as tradições da Igreja, promovendo uma ruptura com suas ideias, o Humanismo e o Ceticismo são características fortes do período moderno. Lemos que:

A ideia de modernidade está assim estreitamente relacionada à ruptura com a tradição, ao novo, à oposição a autoridade da fé pela razão humana e à valorização do indivíduo livre e autônomo, em oposição às instituições. Essas ideias terão importância central no desenvolvimento do pensamento de Descartes (MARCONDES, 2007, p. 142).

Entende-se o Renascimento como um período histórico intermediário, pois se localiza entre o Medieval e o Moderno, encontrando na filosofia tamanha importância mas, com o passar do tempo, tem-se percebido uma mudança nesse pensamento, possuindo assim, sua identidade própria, desenvolvendo uma concepção filosófica e do estilo de filosofar, rompendo com a Escolástica Medieval, não se confundindo, porém com a Filosofia Moderna. O que mais poderíamos encontrar de característico seria o Humanismo que chega a ter uma influência determinante no pensamento moderno e na Filosofia Cartesiana.

O Renascimento, fiel à valorização dos clássicos, busca o lema do humanismo para marcar de forma decisiva a ruptura com a Idade Média, com seu pensamento

voltado para o sagrado, para seu serviço teológico, para Filosofia e a problemática religiosa, inculcando uma contestação, um grau de rejeição ao filósofo Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), ganhado certa importância junto a Platão (427 a. C. – 347 a. C.) poeta, de língua grega, que influencia o pensamento humanista renascentista, construindo, possíveis bases para a formação da perspectiva humanista. Assim:

[...] como as raízes do Renascimento devem ser buscadas na Idade Média, da mesma forma as raízes do mundo moderno, por seu turno, não de ser procuradas no Renascimento. Falta-nos ainda examinar concretamente quais as “diferenças” mais significativas que caracterizam o Renascimento, tanto em relação a Idade Média como em relação a época Moderna, através do exame das várias correntes de pensamento e, individualmente, dos pensadores de destaque (ANTISERI; REALE, 2007, p. 16).

A grande arte renascentista é inicialmente a Arquitetura, que realiza o projeto de reconstrução da cidade de Florença, tendo sua tradição artística o seu berço e nascimento. Mas percebe-se aqui uma arte voltada para o homem, o artesão, o cidadão Fiorentino, e não o homem feudal, medieval.

Nesse momento existe uma valorização do corpo humano como possuidor de uma beleza própria, que se pode observar através de sua proporção e em suas linhas de harmonia, o que nas artes plásticas poderia ser definido como um ideal da dignidade. O Humanismo, corrente filosófica e artística, ligado diretamente ao Renascimento, movimento que surgiu em Florença e se espalhou pela Europa, marca a transição do pensamento teocentrista que existia dentro da Idade Média passando para o Antropocentrismo, tendo o homem como centro das reflexões e formulações filosóficas.

O Humanismo representa o surgimento de uma nova alternativa de pensamento, um novo estilo e uma nova temática. A verdade é que onde os valores humanistas floresceram acabaram marcados por grandes avanços políticos, econômicos e sociais. O Humanismo influenciou muito para o pensamento de Descartes, pois o sujeito não ocupava um lugar central na filosofia; o homem usava o intelecto para conhecer as coisas e não a si mesmo.

A Revolução Científica tem seu início na obra de Nicolau Copérnico **Sobre a revolução dos orbes celestes**, publicado em 1543, em que ele defende a centralidade do Sol no cosmo - modelo conhecido como heliocêntrico - e a Terra seria apenas um astro girando em torno do Sol, representando, assim, um dos fatores de ruptura marcante no início da Modernidade. Esta descoberta de Copérnico foi de

grande importância para a mudança da concepção do homem.

Kepler (século XVI e XVII) traz um abalo para concepção vigente, mostrando que, através do cálculo, o movimento dos astros não é circular, mas elíptico. Giordano Bruno, (século XVI) afirma que o universo não é finito, mas infinito. Estas duas afirmações conduzem à queda da ideia de perfeição vigente. Algo infinito e disforme era considerado imperfeito (SILVA, 2004).

A Reforma Protestante também constitui momento importante dentro do contexto da Modernidade, uma ruptura com pensamentos já estabelecidos da Igreja Católica, iniciando um caminho em que a Igreja se viu ameaçada frente a suas doutrinas e pensamentos, ocorrendo como grande início da Reforma o tradicional episódio em que Lutero prega nas portas da Igreja de Todos os Santos as famosas noventa e cinco teses contra os teólogos católicos.

Sendo a Reforma um marco importante de contestação dos rumos da Igreja Católica desde os séculos da Idade Média, esta se viu ameaçada em toda a sua forma de conduzir a fé do povo, seus dogmas foram postos em questão, e um novo rumo foi tomado sob a liderança de Martin Lutero (1483-1546). Do ponto de vista histórico, o papel do frade foi importante, pois, sua reforma fez com que elementos sociais e políticos da Europa fossem mudados de fisionomia, sendo também de importância em termos de história das religiões e do pensamento teológico.

Alguns fatores foram decisivos para a Reforma Protestante, como o envolvimento dos papas em questões políticas da época, a transferência da sede da Igreja para Avignon, a influência dos reis franceses sobre os papas, além do envolvimento político. A necessidade de manter exércitos e de sustentar os Estados da Igreja devido ao grande território, fez com que a própria Igreja necessitasse de investimentos financeiros, os quais ela procurou obter através de venda de indulgências.

Para Silva (2004), a tarefa de Descartes será a de refazer o caráter sistemático do saber, unindo novamente ciência e filosofia. Esta concepção de Galileu se transformará no ponto central do método de Descartes cujo aspecto principal consiste na extensão do modelo do conhecimento matemático a todos os objetos. E é por este caminho que Descartes tentará encontrar novos fundamentos para o conhecimento, como também o que diz respeito da alma e de Deus.

Com essas descobertas, pode-se perceber, uma separação entre filosofia e ciência, distinguindo-se seus respectivos princípios. Dário Antiseri e Giovanni Reale

(2007) apontam de forma categórica essa ruptura: “Juntamente com a cosmologia aristotélica, a revolução científica leva à rejeição das categorias, dos princípios e das pretensões essenciais da filosofia aristotélica” (ANTISERI; REALE, 2007, p. 188).

Nesse panorama, surge, então, como grande pensador René Descartes (1596-1650), que introduz o pensamento moderno (MARCONDES, 2007) com uma nova forma de pensar frente às correntes que já haviam sido estabelecidas dentro do contexto filosófico.

Descartes traz em seu pensamento esta característica particular, com o objetivo de dar à filosofia em transição uma nova linha de raciocínio e um novo jeito de olhar para a filosofia. Para Silva (2004), a tarefa de Descartes será a de refazer o caráter sistemático do saber, unindo novamente ciência e filosofia, física e metafísica.

O Ceticismo antigo é retomado pelo Renascimento como parte da volta aos clássicos. Sendo o Ceticismo ignorado na Idade Média devido ao fato da refutação feita por Santo Agostinho em seu diálogo **Contra acadêmicos**, o momento desta retomada do Ceticismo era de grande favorecimento para as discussões dos cétricos antigos.

Os cétricos se destacaram na Antiguidade pelo questionamento acerca da capacidade do saber e por não acreditarem na existência de um critério decisivo para resolver os conflitos entre teorias rivais. “Os cétricos foram os primeiros a questionar a possibilidade do conhecimento e a levantar a questão sobre os limites da natureza do conhecimento humano” (MARCONDES, 2007, p. 168).

No início da Modernidade, o filósofo que mais influenciou foi Michel de Montaigne (1533-1592) quanto à retomada e ao desenvolvimento desta corrente cétrica, influenciando René Descartes. Assim sendo:

A visão cétrica de Montaigne pode ser considerada um dos pontos de partida do subjetivismo que encontramos na obra do filósofo do séc. XVII como Descartes. Diante de um mundo de incertezas, mergulhado em guerras e conflitos religiosos e políticos, o homem refugia-se em si mesmo (MARCONDES, 2007, p. 161).

A dúvida trazida pelos Cétricos em René Descartes se faz de uma forma mais sistemática, não apenas duvidar de um conhecimento ou de uma teoria, apenas por duvidar, é preciso que a dúvida seja um método, um caminho para a resolução dos problemas do conhecimento e se alcance a verdade a respeito das coisas.

Esse conjunto de transformações gerou insegurança e contribuiu para o projeto

cartesiano, que é fundamentar a nova ciência emergente. Mas agora o método será diferente daquele que vigorava na filosofia clássica. Nos filósofos antigos, dentre os quais se destacam Platão e Aristóteles, o método era entendido como um caminho que conduzia à essência das coisas. Porém, a partir de Descartes, favorecido por aquelas mudanças apresentadas neste tópico, ocorre que essa concepção sofre uma alteração.

O que foi exposto até aqui não teve outra intenção senão que confirmar que foi justamente neste contexto histórico no qual está inserido Descartes que emerge um novo caminho, uma nova maneira de compreender o método. Por conseguinte, surge uma nova forma de se fazer ciência, pela qual somos influenciados até hoje em nosso modo de realizar pesquisa científica. Dessa maneira, o olhar filosófico cartesiano representa, de fato, um divisor de águas, de modo que ele “anuncia, ao mesmo tempo, o ‘fim’ do mundo antigo, e o nascimento do mundo moderno” (BITENCOURT, 2017, p. 16).

Duas noções fundamentais estão, entretanto, diretamente ligadas ao período moderno: a ideia de progresso, que faz com que o novo seja considerado melhor ou mais avançado do que o antigo; e a valorização do indivíduo, como lugar da certeza e da verdade à autoridade externa. A modernidade pode por assim dizer, ser entendida como uma série de sistemas que partem do sujeito para conhecer o mundo, um olhar racional acerca das coisas.

No próximo tópico, será desenvolvida a filosofia cartesiana e a questão do método, grande novidade para a filosofia moderna. Sendo necessário compreender e analisar todas as questões acima mencionadas para introduzir o pensamento cartesiano e sua busca pela obtenção da verdade, visto que a condição que ele se encontrava cheio de dúvidas e questionamentos o leva a sistematizar um método que o conduziria a verdade absoluta das coisas. Em que podemos perceber uma crítica à tradição e a necessidade de se abrir ao novo.

2.1 A RUPTURA COM A TRADIÇÃO

O filósofo René Descartes nasceu na França em 1596, em família pertencente à pequena nobreza. Com dez anos de idade, entrou para o Colégio la Flèche, dos Jesuítas, muito renomado naquele tempo, sendo sempre excelente aluno. Após essa formação acadêmica, passa a viajar pela Europa, então em crise pela Guerra dos

Trinta Anos, frequentando a sociedade da época. As experiências vivenciadas em outros países e em diferentes culturas o levam a colocar em questão os ensinamentos por ele adquiridos na Academia, julgando-os não confiáveis por não haverem passado por uma criteriosa crítica da razão e por não seguirem um método válido para levar a um conhecimento verdadeiro.

Nas suas **Meditações Metafísicas** (2016), Descartes anuncia a necessidade de um rompimento com a tradição cultural e filosófica que o antecedeu, de desfazer-se de todas as opiniões que até então predominavam por não darem nenhuma base sólida de veracidade que possibilitassem um conhecimento seguro acerca de bases filosóficas já ensinadas. E, assim, propõe um recomeço: tudo aquilo que fora aprendido seria causa de dúvida, colocar tudo em questão para que uma nova ciência pudesse apresentar-se, gerando um conhecimento sólido e verdadeiro.

Para o pensador, era necessário dispor-se seriamente de todas as opiniões aceitas até então e reiniciar totalmente a partir de fundamentos, se o objetivo fosse o de estabelecer algo de sólido e de estável nas ciências. Essa capacidade de renúncia a conceitos tradicionalmente aceitos deveria levar em conta a construção de novos conhecimentos, conceituações e compreensões do mundo baseando-se em argumentos sólidos e de confiança, caminho este que, segundo o pensador, seria seguro para chegar à verdade absoluta das coisas.

Assim, essa inquirição de Descartes pela certeza e pela verdade nas ciências apoiadas no método partia do fato de que o conhecimento da tradição não era assim confiável e satisfatório para o pensamento moderno, não tendo a precisão que deveria ter que caracterizasse um saber científico.

Segundo Antiseri e Reale (2007), um dos motivos que levou Descartes a rejeitar o conhecimento da tradição foi perceber o grande abismo existente entre a orientação cultural adquirida através dos estudos e as novas ideias científicas que estavam emergindo na época. Ocorre que a tradição se fundamentava na exposição da verdade, mas era ineficiente para conquistá-la. Daí a necessidade de um método que trouxesse condições e ainda organizasse o conhecimento, segundo rigor e a precisão. Assim:

Como objetivo de Descartes é reconstruir o saber a partir de bases mais sólidas que aquelas que ele encontra na filosofia tradicional, e como esse saber deve em princípio abranger tudo, ele não poderá abdicar do conhecimento das coisas. A filosofia passa a ser então uma reconstrução do saber enquanto marcha pelo caminho da representação em direção ao

reencontro da realidade (SILVA, 2004, p. 10).

A Filosofia Antiga vinda de Platão e Aristóteles não alcançava mais o patamar que Descartes imaginava, faltava algo para incorporar nesta novidade que a Modernidade trazia e justamente Descartes pretendia desmitificar todos os ensinamentos antigos e instaurar novos conceitos.

O seu interesse pela Matemática e pela Física se justificava pois tais áreas do conhecimento lhe traziam a clareza e a certeza que desejava. A Matemática, até então tratada como uma disciplina entre outras, na sua opinião deveria ser utilizada como base para fornecer os fundamentos das outras. Assim sendo, escreveu seu primeiro livro, que expressa seus pensamentos filosóficos, o **Discurso do método**, publicado em 1637 quando Descartes vivia na Holanda. Ele queria, com esta publicação, manifestar a universalidade do método e a unidade do saber, preocupando-se também com a Metafísica, com as provas da existência do Eu pensante e de Deus.

Nessa obra (2018), Descartes propõe que a Matemática possa fornecer a solidez, a clareza e a distinção necessárias para que se erga um edifício sólido confiável. Para se chegar a alguma verdade que não seja causa de contradição, faz-se necessário sugerir um caminho, um método que possa levar ao conhecimento verdadeiro das coisas, pois, o pensador tem os requisitos de ordem e medida aplicáveis a todos os objetos que podem ser conhecidos. Juntamente com Galileu e alguns outros, ele está disposto a criar a Física Matemática, uma ciência da natureza que, ao contrário da teleologia aristotélica, utiliza a demonstração rigorosa para a elaboração do conhecimento seguro e verdadeiro.

Com isso, Descartes, já provido de alguns pensamentos em que iria fundamentar seu método, apresenta uma metafísica bastante desenvolvida em suas **Meditações Metafísicas** (2016), publicada em 1641, na qual trata de algumas questões de cunho metafísico como a existência da alma, de Deus e do mundo. Por volta do ano de 1618, resolve procurar uma nova maneira de encontrar o saber, inteirando-se do que são as coisas e os costumes, fazendo observações, ingressando no exército de Maurício de Nassau no combate aos espanhóis com a intenção de viajar e observar, juntando-se no ano seguinte, com este mesmo intuito, às tropas do rei da Baviera.

Esses nove anos de observação do mundo foram também, como se vê, empregados na formulação de teorias que mais tarde integrariam o sistema;

mas foram principalmente empregados na construção de um método geral do saber, que a matemática ilustra de maneira privilegiada, mas cujo alcance já é visto por Descartes na perspectiva da unidade de toda a ciência (SILVA, 2004, p. 17).

Para Descartes, a forma de alcançar o conhecimento verdadeiro é através da razão; se esta não for capaz de alcançá-lo é porque ela falhou. O erro resulta do mau uso da razão, de sua aplicação incorreta em nosso conhecimento do mundo. “A finalidade do método é precisamente pôr a razão no bom caminho, evitando assim o erro” (MARCONDES, 2007, p. 167). Assim, tendo esperado alcançar maturidade suficiente para se desprender de todas as suas antigas opiniões, o filósofo percebeu que tentar provar a falsidade de suas crenças, uma por uma, seria realmente difícil. Encontrou então na elaboração de um método filosófico mais eficaz, no qual a menor suspeita de incerteza seria suficiente para não aceitar o restante. Muitas das opiniões que ele aprendera vieram dos sentidos, que já o haviam enganado algumas vezes, rejeitando toda crença nos conhecimentos provenientes dos sentidos, já que não são uma fonte segura do conhecimento. O Racionalismo¹ apela para a razão ou para a intuição intelectual como uma ou como a única fonte do conhecimento imediato. Neste sentido:

A crítica de Descartes não tem como único alvo as filosofias de Platão ou de Aristóteles, incluindo as filosofias delas derivadas, dirige-se também a diversos campos do saber, buscando sempre afirmar a razão, e somente a razão, como causa originária de todo conhecimento possível. Não só isso, Descartes quer mostrar que, em seu processo de construção, a razão encontra-se sozinha, não contando com nenhuma forma de conhecimento que a ela antecede, através do qual possa fundamentar a sua ordem de verdade (BITENCOURT, 2017, p. 18).

Descartes quer com a razão mostrar uma teoria do conhecimento segura e bem elaborada, sendo este campo de investigação muito importante em seu contexto. A razão, quando bem empregada dentro de seus conceitos, leva o sujeito a alçar novos rumos no campo do conhecimento. O conhecimento racional é capaz de apreender a natureza verdadeira, imutável das coisas.

¹ Segundo Abbagnano (2007) o termo Racionalismo, “em geral, é a atitude de quem confia nos procedimentos da razão para determinação de crenças ou de técnicas em determinado campo. Esse termo foi usado a partir do séc. XVII para designar tal atitude do campo religioso. [...] Em sua significação genérica, pode ser usado para indicar qualquer orientação filosófica que recorra à razão. Mas, nessa acepção tão vasta, esse termo pode indicar as filosofias mais díspares e carece de qualquer capacidade de indivíduo” (ABBAGNANO, 2007, p. 821).

3 O MÉTODO DE RENÉ DESCARTES

Após apresentar todo o contexto histórico em que viveu René Descartes, progressos, avanços e os desafios de sua época, importa considerar que, todas estas características surgem como caminho para que se possa entender o seu pensamento e sua filosofia, pois desta forma se percebe o quanto estes fatores influenciaram seu pensamento. O advento da Modernidade foi uma base histórica que ajudou Descartes a desenvolver sua proposta filosófica e apresentar um novo modelo de filosofia, pois é um período carregado de grandes acontecimentos e transformações que ajudam a compreender aquilo que o pensador vem nos apresentar de novo dentro do campo filosófico.

Todo esse trajeto foi apresentado para situar os desafios e os caminhos que a filosofia cartesiana iria enfrentar para se instaurar dentro do contexto moderno, e como Descartes construiu sua filosofia e aquilo que por ele foi influenciado desde seus ensinamentos recebidos até os pilares de seu pensamento. Todos esses detalhes são importantes para uma melhor compreensão do método cartesiano.

Desde o início da obra **Discurso do Método**, Descartes aponta a importância do método para a construção de um conhecimento seguro e verdadeiro. O filósofo pensa que a falta de progresso e a confusão que imperava dentro de seu contexto intelectual eram oriundas da ausência de um método. O método é que conduz de maneira segura o conhecimento que se pretenda, isto é, claro e distinto. Descartes manifesta uma total descrença com relação aos conhecimentos recebidos. Para ele, o conhecimento herdado da tradição, não se encontra bem fundamentado. Se assim é, não expressam um conhecimento verdadeiro e seguro.

A educação por ele recebida não lhe garantiu segurança em sua caminhada, pois ele esperava que seus professores lhe transmitissem um conhecimento seguro, sólido, verdadeiro sobre as coisas, mas não foi isso que aconteceu, pois aquilo que ele aprendera estava repleto de dúvidas e erros.

Mesmo estudando em uma das mais importantes e conceituadas escolas da época, Descartes não sentia por completo realizado dentro do campo do conhecimento, carecendo assim, de fundamentos mais seguros para que assim ele pudesse se firmar em conceitos que não o levaria a duvidar de tais conhecimentos. Por isso, um método seria importante para eliminar qualquer que seja distorção frente aos conhecimentos por ele adquiridos. Munido de um método Descartes conduziria

sua filosofia para um novo patamar, gerando assim, novos conhecimentos e um caminho mais seguro na busca da verdade.

No seu percurso de formação algumas disciplinas o desapontaram, dentre elas as línguas: grego e latim, pois estudar e ler livros do passado seria como se tornar um estrangeiro em sua própria terra, pois os estudantes de disciplinas antigas se desconectam dos contemporâneos. A Literatura estimula a imaginação, levando a quem ler a pensar em coisas que não são de verdade. Por fim, a Filosofia, embora sendo central dentro do currículo da universidade, destacando-se as obras de Aristóteles, não encontrando nela uma coisa que não seja duvidosa. Somente a matemática satisfazia a sua sede do saber, levando a segurança e a clareza que tanto esperava.

Essas disciplinas não transmitiam a ele uma segurança, pois não o levou a clareza das coisas, deixando-o ainda mais duvidoso de seus conhecimentos. Uma vez que para construir um edifício seguro para o conhecimento seria necessária uma base sólida e firme, que ele não encontrou dentro de sua formação intelectual.

Esse descontentamento para com as disciplinas se deve ao fato de que os professores de sua época não o conduziu ao interesse e ao conhecimento claro e seguro, algo que ele esperava, ocorrendo, assim, em sua vida uma decepção, pois tais ensinamentos, segundo ele, estavam rodeados de dúvidas e erros, uma vez que, um mínimo de dúvida que se possa ter torna impossível o conhecimento seguro das coisas.

A complexa silogística, utilizada pela Escolástica, não trazia para a nova filosofia um caminho seguro para o conhecimento. Descartes se desvincula dessa tradição, por causa da incoerência que ele percebia entre o ensino da escola e a cultura vigente.

Para ele essa lógica aristotélica tinha um valor didático, não obtendo qualquer espécie de uma fundamentação e capacidade de encontrar a verdade. Na interpretação de Silva (2004) essa tradição permitia somente:

[..] um mero exercício de opinião que, quando muito, desemboca na verossimilhança, isto é, em algo que, embora tenha aparência de verdade, não pode ser demonstrado como tal. A partir daí se impõe àquele que busca a verdade na figura da evidência absoluta, um certo desprezo das letras e das ciências tal como foram cultivadas na tradição, e a procura da verdade através de outros procedimento (SILVA, 2004, p. 27).

A silogística aristotélica não toma nada como conhecimento novo, seria inútil para quem anseia por indagar a verdade das coisas, podendo somente, às vezes, ajudar a expor mais facilmente aos outros as razões já conhecidas, ajuda a não conhecer a verdade, somente uma exposição.

Descartes, em vista de não se contentar com o que estava vigente dentro do conhecimento, percebeu a necessidade de um método que ordenasse o pensamento e, ao mesmo tempo, fosse instrumento e fundamento de uma verdade eficaz, isto é, que fosse possível ser demonstrada. O método, segundo Antiseri e Reale (2007), deve-se apresentar como o início de novo saber, em condições de impedir que nos dispersemos em uma série desarticuladas de observações ou prossigamos de uma forma cética.

A importância do método constitui um dos traços da filosofia moderna, que se difundia e carregava uma confiança e centralidade também no sujeito² e no seu poder racional, era também necessário tomar um caminho para garantir seus novos fundamentos objetivando superar a outra. A filosofia tradicional já não era suficiente para abarcar aquilo que era pensado como novidade em relação ao conhecimento da época, era urgente uma filosofia que se justificasse na razão, opondo-se ao ceticismo, capaz de se sustentar na busca da verdade, com um método universal e fecundo. O método, com suas regras e suas justificações, pretende precisamente satisfazer aquilo que estava em descrédito pela corrente filosófica cartesiana.

Para se perceber a autenticidade do método, seria, então, necessário que ele alcançasse a totalidade do que se quer conhecer. Neste sentido, portanto, o método cartesiano é um caminho que garante o bom êxito de uma tentativa de se conhecer. O mesmo se constitui basicamente de regras e princípios que são como diretrizes desse procedimento. Segundo Marcondes (2007), tais regras seriam bem mais simples que a complexa silogística aristotélica utilizada pela Escolástica para demonstrar verdades.

O filósofo apresenta duas afirmações que permitem compreender melhor o seu método:

O bom senso é a coisa mais bem distribuída do mundo: pois cada um pensa estar tão bem provido dele, que mesmo aqueles mais difíceis de se satisfazerem com qualquer outra coisa não costumam desejar mais bom

² A respeito do sujeito como característica da filosofia cartesiana e, posteriormente, como traço relevante do pensamento moderno, será abordado na próxima seção.

senso do que têm. Assim, não é verossímil que todos se enganem; mas, pelo contrário, isso demonstra que o poder de bem julgar e de distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se denomina bom senso ou razão, é por natureza igual em todos os homens; e, portanto, que a diversidade de nossas opiniões não decorre de uns serem mais razoáveis que os outros, mas somente de que conduzimos nossos pensamentos por diversas vias, e não consideramos as mesmas coisas (DESCARTES, 2018, p. 5).

O bom senso, ou seja, a racionalidade, é natural e compartilhada por todos os homens. Nesse sentido, como é possível o erro e o engano? O erro consiste no mau uso da razão, de sua aplicação incorreta no conhecimento do mundo. Por isso, faz-se necessário o método que a razão seja conduzida por meio de regras e definições que lhe permitem atingir a evidência, portanto, o conhecimento seguro. Quando a razão é bem empregada, certamente levará ao conhecimento seguro e verdadeiro, não sendo causa de contradição ou equívoco. Para Silva (2004), o método é fundamental para se obter a verdade, visto que indica tudo aquilo que se pode conseguir quanto ao conhecimento.

Esse conhecimento, para Descartes só será então resolvido através de uma análise das condições para favorecer a clareza e a certeza. São dois os possíveis caminhos: a **indução**, que seria todo ato unitário da mente que apreende de maneira absoluta e, portanto, em sua totalidade um certo conteúdo objetivo e a **dedução**, partindo de princípios universais, passando da consideração intuitiva para se chegar a uma determinada conclusão, tendo encontrado no segundo aquele que seria o verdadeiro e levaria ao conhecimento seguro, ao progresso do saber e à descoberta da verdade. Descartes se decide então por fundamentar-se em critérios seguros. As questões céticas, no entanto, devem ser levadas a sério, não sendo possível simplesmente descartá-las. Sua tarefa teve início, portanto, na refutação do ceticismo.

Dizendo da importância da obtenção de um método para se chegar à verdade absoluta, Descartes analisa os métodos usados em sua época para verificar se os mesmos podem ser utilizados em seu projeto filosófico. Ele destaca neste processo dois caminhos: a Lógica e a Matemática. Essa análise dos métodos vigentes se dá pelo fato de o primeiro ser reconhecido como a regra correta para o bem pensar, e o segundo por ser a Matemática o lugar da evidência. É perceptível que o método do filósofo procura em seu propósito a obtenção da máxima objetividade sem o maior esforço, ficando assim claro quando afirma a importância de regras fáceis e certas. Descartes, em vista da obtenção do método para o seu pensamento, faz a opção pelo

método dedutivo, opondo-se ao intuitivo. A propósito, afirma o filósofo:

Comprazia-me, sobretudo com as matemáticas, por causa da certeza e da evidência de suas razões; mas não percebia ainda seu verdadeiro uso e, pensando que só serviam para as artes mecânicas, espantava-me de que, sendo tão firmes e sólidos os seus fundamentos, nada de mais elevado se tivesse construído sobre eles (DESCARTES, 2018, p. 14).

René Descartes cria, assim, seguindo o **Discurso do Método**, quatro regras após a escolha e justificação da dedução como método de fundamentação de suas ideias, a saber:

Clareza e distinção: Nunca aceitar as coisas como verdadeiras sem antes conhecê-las de forma clara e distinta, com a certeza de que não possam causar dúvida. Esta regra pode ser entendida sob dois aspectos: primeiramente, evitar os prejulgamentos ou aceitar os conceitos de forma acabada; em seguida, evitar a precipitação, não efetuar juízo de valor até que os termos apareçam de forma clara e de total distinção. **Nas Meditações Metafísicas** (2016), Descartes também menciona o método de questionar todos os ensinamentos por ele apreendidos, não sendo ponto certo de verdade e de clareza. Por isso, segundo ele próprio:

Já há algum tempo que me dei conta de que desde meus primeiros anos aceitara por verdadeiras muitas falsas opiniões, e de que aquilo que desde então firmei com base em princípios tão mal assegurados somente podia ser muito duvidoso e incerto, de maneira que era necessário dispor-me seriamente uma vez em minha vida a desfazer-me de todas as opiniões que aceitara até então em minha crença e reiniciar totalmente apartir dos fundamentos, se quisesse estabelecer algo de sólido e de estável nas ciências (DESCARTES, 2016, p. 31).

Outra regra é a **Análise**: Dividir as dificuldades em parcelas tantas quantas forem possíveis e necessárias para uma melhor resolução, chegando assim à clareza e distinção das partes. Esta regra leva em conta os conhecimentos matemáticos e também uma ideia tradicional filosófica, mas em Descartes, segundo Silva (2004), a divisão das dificuldades é pensada segundo um modelo de decomposição de equações complexas ou da redução de múltiplos aos seus multiplicadores.

A terceira regra colocada é a **Ordem**: Conduzir por ordem os pensamentos, desde os mais simples para aqueles mais complexos, ordenando as ideias quando as mesmas não se apresentarem de forma ordenada. Esta regra permite a dedução,

ampliando assim o saber. Sendo assim, “subir pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos” (DESCARTES, 2016, p. 34).

Por fim, a última regra, a **Enumeração**: Fazer inúmeras revisões para se ter a certeza de que nenhum elemento passe de forma desconsiderada, sendo visto como uma síntese, e obtendo a certeza de que nada foi omitido.

O que Descartes vem propor com as regras seria atingir um conteúdo de representação, abstraindo assim todas as condições materiais, pois é no próprio método que o sujeito visa à representação, mais no nível do puro pensamento, e não enquanto sujeito psicológico (SILVA, 2004). Com efeito, se os requisitos do método forem cumpridos, a representação não poderá ser colocada em dúvida, e a certeza do sujeito corresponderá à evidência, uma visão objetiva da verdade. A partir de Descartes é preciso aplicar bem o uso da razão. Esta já não se orienta mais para um ser, como na Filosofia platônica e aristotélica, mas se mostra como razão matemático-operacional que se realiza segundo regras, afim de explicar os fenômenos da natureza a través das leis do seu funcionamento. Esta inspiração matemática faz com que a razão conheça a realidade na representação da ideia objetiva. Esta encontra seu fundamento no sujeito. A verdade é algo procurado dentro do sujeito, na ciência que está dentro dele mesmo.

Para melhor entender o pensamento cartesiano acerca do método e suas consequências dentro do pensamento filosófico e histórico, foi apresentada a importância de se ter um método e as suas características para se chegar à clareza e à verdade. Esse percurso foi feito de forma a levar a introduzir seu pensamento e apresentar de uma forma clara toda a construção do método e sua relevância dentro da filosofia cartesiana, sendo de fundamental importância para os desbravamentos das questões do conhecimento dentro das ciências, ganhando relevância dentro do método a Matemática como fator de levará ao conhecimento seguro.

3.1 O SUJEITO NO PENSAMENTO DE RENÉ DESCARTES

Com a vinda da modernidade, o sujeito ganha um novo espaço dentro do pensamento filosófico pois, antes de Descartes toda a sua filosofia se iniciava tendo uma verdade já dada como pressuposta, a partir da qual se ordena todo o processo de filosofar. Se passarmos em uma breve visita aos principais representantes do pensamento antigo e medieval eles nos apresentarão que a verdade antecede o

sujeito, e o filosofar passa a ser o processo pelo qual o homem em sua racionalidade identifica, descobre, traz à razão a verdade, a essência, a causa originária da qual cada coisa é constituída.

A ruptura com essa antiga forma de filosofar se inicia com o ceticismo, mas principalmente com o nascimento da ciência moderna, que se realiza plenamente na filosofia cartesiana. Segundo Bitencourt (2017), em Descartes, pela primeira vez a verdade passa a ser uma construção originária do sujeito. Como consequência, a verdade sem sujeito é superada pelo sujeito da verdade. Essa ruptura tem como objetivo a busca de uma nova forma de fazer filosofia fundada unicamente na ordem racional do sujeito, tendo a razão um lugar originário do conhecimento verdadeiro sobre todas as coisas. Lemos que:

O projeto cartesiano é construir um conhecimento que abarque todos os saberes, mas que tenha no sujeito a causa originária da sua verdade. Essa característica de tomar o homem, o sujeito como instância a partir da qual o conhecimento da verdade vem ao mundo, é uma característica que identifica e diferencia a filosofia de Descartes de todo o pensamento filosófico que o antecedeu. É a partir desse “lugar” (do sujeito da verdade) que Descartes erguerá todo seu projeto filosófico. Ao anunciar ao mundo uma nova filosofia, tendo o sujeito como causa originária da verdade, Descartes anuncia, ao mesmo tempo, o “fim” do mundo antigo e o nascimento do mundo moderno (BITENCOURT, 2017, p. 12).

Ao iniciar o **Discurso do Método** (2018) e as **Meditações Metafísicas** (2016), como já foi citado, o pensador anuncia a necessidade de um rompimento com a tradição cultural e filosófica; sendo assim, para desenvolver sua filosofia seria necessário retornar ao processo de filosofar a partir de bases sólidas, diferentes daquelas que estavam em vigência, que foram ensinadas em seu processo de aprendizado no colégio Jesuíta.

Copérnico rompe com a tradição do cosmo, apresentando em seu lugar uma nova ordem para o universo, que posteriormente se confirmará como a nova ordem do cosmo. Esse processo também ajuda a desencadear a filosofia cartesiana, evidenciando o sujeito na construção da verdade e das representações do mundo, encontrando em Descartes sua forma mais acabada, completa e amadurecida.

O sujeito em Descartes se constitui como fundamento de todo conhecimento possível, no qual será assentado todo o saber do homem. Segundo Bitencourt (2017), esta será a função da filosofia cartesiana: garantida pela ordem racional de um sujeito pensante, fundar uma filosofia que dê conta da totalidade do conhecimento e que ao

mesmo tempo ultrapasse seu plano plenamente especulativo. Logo, efetiva-se a filosofia cartesiana como uma filosofia prática útil à vida.

Este protagonismo do sujeito dentro da filosofia cartesiana muito se apresenta no contexto do Renascimento, tornando o sujeito, sujeito da verdade, onde é apresentada a metafísica do sujeito, cuja estrutura toda se encontra subordinada ao *cógit*o, ao sujeito pensante. Com isso, Descartes rompe com as portas do passado e anuncia ao mundo o nascimento de um novo mundo. Assim, ele tendo posse de um método seguro e verdadeiro prepara-se para construir seu edifício filosófico, partindo da segurança em relação ao valor do conhecimento que se pode passar ao estudo das realidades particulares, obtendo o caminho para se alcançar este conhecimento seria a dúvida.

René Descartes constrói sua percepção frente ao sujeito moderno dentro das **Meditações Metafísicas** (2016), encerrando a primeira meditação rodeado de dúvidas, pois tudo era passível de ser duvidado, não obtendo certeza alguma que o levasse à clareza e distinção das coisas. Iniciando a segunda meditação, o filósofo, vem salientar o momento em que ele se encontrava frente ao caminho do conhecimento, onde deixa claro sua dificuldade em solucionar de uma maneira bem evidente este problema da dúvida. Mas está firme e continua seu caminhar partindo do método de duvidar de tudo aquilo que for possível, até chegar a algo verdadeiro e seguro.

Com a vinda de um novo objetivo dentro do pensamento filosófico de encontrar a certeza, o pensador se distancia do pensamento cético, que se põe como atitude permanente. Mas, para ele “tal permanência só poderia ser fruto de uma paralização da própria dúvida, ou do processo de interrogação” (SILVA, 2004, p. 47).

Descartes continua com este processo de duvidar, revisando tudo aquilo que foi duvidado e chega a uma conclusão: que ele pensa. Assim, quando não se duvida mais permanece-se na dúvida; mas, ao continuar duvidando, consegue-se sair da mesma. A dúvida como caminho que leva ao conhecimento, não um duvidar sem direção. Lemos que:

Mas como é que sei eu se não há qualquer outra coisa distinta daquelas que acabo de considerar incertas, qualquer coisa distinta com respeito à qual não se possa ter a menor dúvida? Não há algum Deus, ou alguma outra potência que introduz esses pensamentos em meu espírito? Não há necessidade disso, pois talvez eu esteja capacitado a produzi-los por mim mesmo. Portanto, não sou eu, ao menos, algo? Mas já neguei que possuísse algum

sentido ou algum corpo. Hesito, contudo, pois o que conclui disso? Sou eu de tal modo dependente do corpo e dos sentidos que não posso ser sem eles? Mas eu me persuadi de que não havia absolutamente nada no mundo, de que não havia nenhum céu, nenhuma terra, nenhum espírito nem nenhum corpo; não me persuadi, portanto, inclusive de que não era? Decreto que não. Não há dúvida de que eu era isto se me persuadi ou tão só se pensei algo. Mas há um enganador muito poderoso e muito astucioso que desconheço e que emprega toda sua engenhosidade para enganar-me sempre. Não há dúvida, portanto, de que eu sou, se ele me engana. E que ele me engane tanto quanto quiser: nunca poderá fazer com que eu não seja nada enquanto eu pensar em ser algo. Resulta que, após ter pensado bem sobre isso e ter examinado cuidadosamente todas as coisas, é necessário, enfim, concluir e sustentar, invariavelmente, que essa proposição, nomeadamente: eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira sempre que a pronuncio, ou que a concebo em meu espírito (DESCARTES, 2016, p. 40-41).

Depois de percorrer um caminho, Descartes, chega à conclusão de que ele existe. “Mas o que sou eu? Uma substância que pensa” (DESCARTES, 2016, p. 45). E chega à conclusão de que ele é, e é enquanto pensamento. Assim analisa-se a alma, procurando atribuições da mesma, sendo este atributo o pensar; desse modo a garantia da existência é o pensamento, enquanto pensar existirá. Diante disso a única maneira de não ser é não pensar, sendo assim, descobre o que é: uma coisa pensante, *res cogitans*. O pensador afirma que uma coisa que pensa é “uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que também imagina, e que sente” (DESCARTES, 2016, p. 46).

É preciso diante disso realizar algumas observações. A primeira é que o *cógito*, o pensamento é fruto da intuição e não do raciocínio. A segunda seria que o *cógito* só garante a existência do pensamento e não da realidade distinta do mesmo. Dessa forma o pensamento é considerado substância, pois existe independentemente de outras coisas.

A filosofia cartesiana tem o sujeito como fundamento do conhecimento; essa estrutura de pensamento está conectada com o período histórico já mencionado neste trabalho, pois a noção de sujeito aqui demonstrada tem por objetivo o quanto o conhecimento na Modernidade se antecipa toda a autoridade religiosa. Assim:

Afirmando o entendimento como procedência da verdade, Descartes supera toda metafísica do ser, derivada de uma filosofia que partia do pressuposto de que a verdade é anterior e independente do sujeito que a pensa e, em seu lugar, apresenta ao mundo uma nova metafísica; a metafísica do sujeito. Uma metafísica onde toda sua estrutura lógica, todo seu critério de validação, encontra-se subordinada ao *cógito*, ao sujeito pensante. Tal deslocamento gnosiológico altera por completo a ordem do mundo. Com a conquista do *cógito* para o conhecimento, Descartes fecha as portas do passado e anuncia ao mundo o nascimento de um novo mundo: o mundo moderno

(BITENCOURT, 2017, p. 56).

Logo, Descartes coloca o sujeito possuidor e detentor do conhecimento, inaugurando assim uma nova forma de filosofar, que rompe com o pensamento tradicional que estava em evidência e se abre ao novo. O sujeito munido de todo conhecimento racional é capaz de chegar ao conhecimento verdadeiro e absoluto.

Após, estas colocações à cerca do pensamento cartesiano, será apresentado a última seção deste trabalho com objetivo de apresentar como o método cartesiano é caminho para o ensino da Filosofia, e o quanto o exercício do duvidar pode ser reconhecido como um caminho que conduz ao filosofar.

4 A DÚVIDA COMO CAMINHO PARA O FILOSOFAR

Com o método cartesiano, o pensador René Descartes trouxe para o pensamento ocidental e particularmente para sua filosofia a convicção da necessidade de se aplicar um procedimento seguro na construção do conhecimento verdadeiro, um caminho que levaria às certezas. O pensador se propôs a responder a alguns questionamentos que estavam em cheque: como chegar ao conhecimento verdadeiro? Existe um caminho certo e seguro? Seu método trouxe respostas significativas, que possibilitaram novos rumos a Filosofia moderna, confirmando a necessidade de uma nova metodologia para que esta área do saber não ficasse estagnada no tempo.

Esta seção tem por finalidade apresentar como o método cartesiano pode ser um caminho para a apreensão do conhecimento verdadeiro e para a educação integral dos sujeitos, sendo a mesma contribuinte fundamental para a construção e o exercício da cidadania, lhes permitindo exercer o papel de agente de transformação social.

Não se encontra em nenhuma obra de Descartes um estudo explícito sobre o tema da educação acadêmica, formal, apesar de, na obra que fundamenta esta pesquisa, **O Discurso do Método** (2018), ele tomar como ponto de partida para o exercício da dúvida hiperbólica a comparação entre as certezas e a validade do conhecimento adquirido no meio acadêmico e as diversas e diferentes experiências vivenciadas no contato com o mundo em sua totalidade. Assim, não é inadequada a conclusão de que, em verificando a necessidade da aplicação de seu método, também no meio acadêmico fez-se necessária uma profunda mudança didática/pedagógica, cujos fundamentos deveriam ser identificados, sobretudo a partir da compreensão do método e em sua aplicação. O estudo do método, bem como de todo seu sistema, constitui um ponto de partida imprescindível para quem deseja aprofundar-se no estudo filosófico e científico no contexto da modernidade e da pós-modernidade.

Assim, na referida obra, Descartes aborda a problemática da necessidade de se sair da sujeição de seus preceptores de modo a proporcionar uma libertação da tutela dos mestres, tornando, assim, os sujeitos autônomos na construção e validação do conhecimento. Nesse sentido, o pensador afirma não ter como objetivo ensinar o método que cada um deve seguir, mas apenas mostrar os caminhos que ele próprio utilizou na condução da própria busca pela verdade das coisas. A propósito, afirma o filósofo:

Mas gostaria de demonstrar neste discurso quais foram os caminhos que segui, e de nele representar a minha vida como num quadro, [...]. Deste modo o meu propósito não é ensinar aqui o método que cada um deve seguir para bem conduzir a sua própria razão, mas somente mostrar de que maneira procurei conduzir a minha (DESCARTES, 2018, p. 42).

Com isto, este pensador defende que a necessidade de um método é essencial para que se verifique a verdade das coisas; sendo assim, o homem não ficaria amarrado a um sistema epistemológico que já não mais o atenderia na apreensão da realidade. O que Descartes propôs seria, então, a necessidade metodológica de visitar e reavaliar os conceitos tradicionais vigentes nos diferentes campos do saber, inclusive no campo filosófico. Munido de seu método, Descartes lançou um novo olhar para o caminho epistemológico, abrindo as portas para o conhecimento seguro e verdadeiro. E a dúvida foi a alavanca por ele utilizada para essa ressignificação. O ato de duvidar implica refetar, querer conhecer a fundo, sair da inércia das propostas prontas em definitivo e caminhar para um novo conhecimento que surgiria enquanto consequência de tal posicionamento.

A partir de então, já não é possível mais construir e validar um saber sem que os arrazoados que o fundamentam se permitam ser atravessados por esse caráter crítico, que leva a dúvida a um patamar de destaque entre outros caminhos possíveis. Os novos tempos que se descortinam exigem dos sujeitos não ficarem conformados com conceitos considerados como verdadeiros e não impingir neles o espírito crítico problematizador, em uma atividade de não criar e não produzir verdades.

Como em qualquer outra área do saber, assim também no campo filosófico o método é necessário para a construção de outros modos de pensar o homem, o mundo, as possíveis relações entre eles e as suas consequências. É preciso, ainda, visualizar esse método enquanto ferramenta para compartilhar essas novas percepções. Assim, o ato de educar os sujeitos precisa tomar outros rumos para que o novo não se perca. Não apenas em um ato de simples transmitir, mas fazer com que esta novidade seja compartilhada, para que estes, munidos e devidamente 'educados', sejam agentes de transformação da sociedade e do meio em que estão inseridos.

De acordo com Libânio (2013), sabe-se que, na contemporaneidade, muitas são as estratégias metodológicas para o exercício do ensino/aprendizagem. Nessa perspectiva, este autor aponta que o ato de aprender deve estar ligado ao ato de

fazer; é preciso decodificar conceitos teóricos em atividades dialogais práticas em relação àquilo que se pretende conhecer. Sendo assim, o ato de refletir através da dúvida se torna possível e palatável, permitindo e incentivando a autonomia dos sujeitos, ou seja, sem limitá-los à tutela daqueles detentores do conhecimento. O ensino é uma tomada de posição frente a um determinado problema que se pretende investigar (LIBÂNIO, 2013).

Adentrando a área do saber específico desta pesquisa, Sílvia Gallo (2012) afirma que o ato de filosofar deve ser ensinado, levando os sujeitos a considerar e refletir sobre questões pertinentes à realidade do mundo em que estão inseridos. Temas como liberdade, morte, medo, tempo e beleza devem ser tratados problematizadamente, ou seja, em uma relação dialógica entre professor/aluno, em que o ponto de partida deve seguir o método que propõe reflexão e análise a partir do questionar, da dúvida, enfim.

Neste momento em que os sujeitos são convidados a pensar sobre tais problemas experienciados em diferentes contextos, impactados pelo contato com concepções e pensadores diferentes, incomodados com questões semelhantes, mais uma vez é a reflexão exercida pela dúvida que os ajudam a compreendê-los melhor, em uma asserção autônoma, resultado da vivência no e com o mundo e os outros.

O homem, ao duvidar de algo que lhe foi transmitido, se coloca em busca de alcançar novos conhecimentos. Querer solucionar problemas implica em elevar ao mais alto nível a crítica, pois estará munido de pressupostos que serão suportes na busca de alcançar um conhecimento válido e encontrar possíveis soluções para o problema enfrentado.

Defende Sílvia Gallo (2012) que a forma expositiva, muitas vezes utilizada pela didática tradicional principalmente na área das humanidades, basicamente se resume em uma transmissão oral sobre fatos e pensamentos historicamente registrados, o que limita a participação dos sujeitos a meros acumuladores de dados e informações que, via de regra, não os permitem estabelecer relações concretas com sua vivência cotidiana.

Transmitir e compartilhar o conhecimento, e aqui o filosofar é colocado em lugar de destaque, deve ser um exercício de apelo à diversidade, de acesso a questões fundamentais para existência humana; um exercício de se abrir ao perigo, de buscar a criatividade de um pensamento sempre em alta. Deve ser um ato de perguntar e de duvidar da resposta fácil. Quem não estiver disposto a adentrar nesses exercícios

difícilmente encontrará uma segurança na transmissão do conteúdo filosófico e um êxito na aventura que é ensinar Filosofia.

A dúvida cartesiana não é um fim em si mesma, mas um meio para se chegar ao conhecimento que se pretende. Quem não entra neste processo está caminhando para um discurso de não criar, limitando a repetir os mesmos caminhos vindos de ideologias filosóficas passadas. Assim:

[...] Descartes optou por considerar que todo conhecimento seria falso, por não serem seus fundamentos estabelecidos com clareza e distinção. Sobrou-lhe deste ato de generalização da dúvida apenas uma clareza, a de que o sujeito que duvida radicalmente não pode duvidar do ato de duvidar. E como ato de duvidar é um ato de pensamento, ele extraiu a conclusão de que a proposição, penso, logo existo era verdadeira, constituindo um novo começo, o verdadeiro ponto de partida da filosofia (BITENCOURT, 2017, p. 26).

A filosofia cartesiana favorece, assim, uma postura crítica, de não tomar como verdadeiras todas as coisas, buscando estabelecer um posicionamento crítico em relação a essa reorientação da razão à sua dimensão especulativa e, portanto, didática e pedagógica. No próximo tópico será exposto o quanto a dúvida é relevante enquanto método para o ensino do filosofar.

4.1 O EXERCÍCIO DE DUVIDAR

O processo de ensino/aprendizagem se caracteriza pela combinação de atividades entre aquele que ensina e aquele que aprende, em uma relação dialogal. Os sujeitos, no compartilhar dessas experiências, vão atingindo progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades intelectivas. A boa condução desse processo de ensino depende de um trabalho sistemático no que diz respeito ao planejamento e ao desenvolvimento e aplicação da metodologia considerada adequada para garantir o êxito dos objetivos propostos (LIBÂNIO, 2013).

Sabe-se que métodos são determinados pela relação que evoca objetivo e conteúdo e implicam uma sucessão planejada e sistematizada de ações. Dizer que um educador tem método é o mesmo que dizer que domina procedimentos e técnicas de ensino, pois o método deve expressar também uma compreensão global do processo educativo na sociedade. A formação integral dos sujeitos, em todo e qualquer campo do conhecimento humano, é perpassada por essa relação intrínseca entre conteúdo e método (LIBÂNIO, 2013).

O método de ensino expressa a relação conteúdo-método, no sentido de que tem como base um conteúdo determinado (um fato, um processo, uma teoria etc). O método vai em busca das relações internas de um objetivo, de um fenômeno, de um problema, uma vez que esse objeto de estudo fornece as pistas, o caminho para conhecê-lo. Mas, quando falamos que o método propicia a relação entre as coisas que se estudam, referimo-nos à ideia de que os fatos, os fenômenos, os processos estão em constante desenvolvimento, em virtude de que é pela ação humana que as coisas mudam (LIBÂNEO, 2013, p. 106).

O método de ensino depende dos objetivos que se formulam tendo em vista o conhecimento e a transformação da realidade. A prática de ensino em nossa sociedade, através do processo de transmissão e assimilação ativa de conhecimento e habilidades, deve ter em vista uma verdadeira preparação para uma melhor compreensão de sua realidade social; sendo assim, tornarem peças importantes dentro da realidade em que vivem.

E, nessa relação de pensador e sujeito, cada um exerce seu papel para uma metodologia que visa ao bem comum de ambas as partes. O processo de ensinar a filosofar existe em uma via de mão dupla: por um lado, o conteúdo, a ser ensinado de forma assimilável pelo indivíduo, e, por outro lado, existe o indivíduo a ser preparado para assimilar o conteúdo, partindo também de seus pressupostos. Essa área do conhecimento especificamente se dá com o detentor nutrido dos conhecimentos frente ao referido tema, provocando, sobretudo, o questionamento do que está sendo apresentado, frente às suas próprias experiências.

A explanação do pensamento filosófico leva em conta dois caminhos específicos: proporcionar habilidades e conhecimentos, com o intuito de levar o sujeito à assimilação do pensamento e, pelo exercício próprio do questionar, duvidar, o desenvolvimento da capacidade crítica-reflexiva. Sendo assim, a explicação e exposição do conteúdo filosófico se dão de forma conjugadas com uma exposição do indivíduo frente àquilo que ele desenvolveu em seu raciocínio do conteúdo ministrado. Esta relação é um exercício útil para desenvolver a relação entre o pensamento, a linguagem, a coordenação de ideias e a sistematização de conhecimento.

Este é um método a se considerar quando o objetivo diz respeito à assimilação do sujeito frente ao conteúdo, vinculando tal conhecimento àqueles que os indivíduos trazem de sua realidade social, deixando de ser apenas um repasse de informação, levando o mesmo a integrar o ensino filosófico ministrado com sua cotidianidade.

Portanto, para o ensino filosófico não basta uma exposição do conteúdo da história da filosofia; não é suficiente para a promoção de um espírito que se pretenda

crítico nos limitarmos a momentos históricos da Filosofia, isso poderá fazer com que os sujeitos a compreendam como peça de museu. Assim:

Se ao ensinarmos filosofia nos limitarmos a expor figuras e momentos da história da filosofia, contribuiremos para afirmar a filosofia como peça de museu, como algo que se contempla, se admira, mas se vê a distância, como algo intangível para nós. Mas por outro lado, se nos dedicarmos ao ensino de filosofia buscando o processo do filosofar, esquecendo-nos do historicamente produzido. Perderemos a legitimidade para tal ato. A recusa da tradição (história da filosofia) que é a única maneira de manter vivo o legado, continuamente criando e produzindo, só é possível a partir dessa mesma tradição: nada criaremos se não a tomarmos como ponto de partida (GALLO, 2012, p. 43).

Dentro do campo filosófico, é fundamental a postura de instigar, provocar os sujeitos na elaboração e reflexão sobre um determinado problema. Em outras palavras, como a própria filosofia cartesiana nos mostrou, faz-se necessário duvidar de tudo aquilo que nos é transmitido e que tomamos como algo indubitável. Esse espírito problematizador caracteriza a Filosofia. Ela o carrega consigo, desde os gregos, particularmente com Sócrates, que questionava a arrogância dos seus interlocutores em se mostrar detentor do saber, conduzindo-os, pela dúvida a reconhecerem-se ignorantes.

Segundo Gallo (2012), vivenciar determinado problema é fundamental para a filosofia, sendo este o motor que faz com que a experiência filosófica aconteça. O processo de ensino-aprendizagem no ponto de vista integral se faz tendo como base a experiência do problematizar, como motivador do pensamento, sendo o ensino da Filosofia não apenas um contar fatos e histórias. Assim:

E se o problema é o que força a pensar, somos levados a admitir que o princípio (origem) do pensamento é sempre uma experiência sensível. Pensar não é reconhecer, não é recuperar algo já presente na alma. Pensar é experimentar o incômodo do desconhecido, do ainda não pensado e construir algo que nos possibilite enfrentar o problema que nos faz pensar (GALLO, 2012, p. 72).

É necessário nesta relação dialogal, que tem como ponto principal o exercício da dúvida, que o grande objetivo seja levar os sujeitos a entender que a Filosofia não é apenas um apanhado de palavras e informações que não obtém nenhum caminho prático para suas vidas. Mas que filosofando, o homem desenvolve um caráter crítico e não aceita meras opiniões sem sentido e sem bases sólidas que o levam a certeza das coisas. O método de duvidar os auxilia para que cresçam em autonomia de

pensamento e capacidade de abstrair e identificar elementos significativos em suas vidas, levando a Filosofia para dentro dos acontecimentos sociais que os identificam enquanto sujeitos autônomos, politicamente referenciados, cidadãos de fato.

O sujeito que duvida amplifica seus horizontes e não se deixa alienar por ideias e conceitos que são apenas transmitidos; cria-se um caráter crítico, que o leva a ser um instrumento determinante na sociedade. Nesse sentido, o caminho do filosofar-crítico é a elevação do conhecimento, tornar-se detentor racional de um conhecimento seguro e verdadeiro a partir de um processo metodológico e crítico, pois construir um saber é algo que leva quem está à procura a se desfazer de conceitos e pressupostos e se abrir ao novo, um caminho seguro e edificado que o levará à construção de uma verdade absoluta, lógica e racionalmente fundamentada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste trabalho possibilitou um estudo sobre a Filosofia de René Descartes e seus desdobramentos no campo do ensino da filosofia para a formação integral do ser humano. Ao longo do trabalho foram feitas leituras e pesquisas para desenvolver e buscar responder à problemática levantada: a participação e importância do método cartesiano no seu ponto mais fundamental: a dúvida metódica.

Iniciou-se o trabalho em uma perspectiva mais histórica e bibliográfica, para introduzir o leitor no contexto espaço-temporal vivenciado por este pensador, seu pensamento, para que, assim, se pudesse entender o caminho percorrido e a importância do método para a sua filosofia.

A dúvida se mostrou como o ponto fundamental neste caminho, mas não uma dúvida sem sentido, duvidar por duvidar, como os céticos. Em Descartes, a dúvida ganhou corpo e sentido, pois é caminho para que um novo possa ser alcançado, é metódica, pois se tem um objetivo proposto. Não satisfeito com a validade dos conhecimentos adquiridos, se propôs a elaborar um método que se valesse da razão para a construção do conhecimento frente ao homem, ao mundo e às coisas. Nessa trajetória, o sujeito ganha espaço na filosofia cartesiana, consistindo assim na grande novidade trazida para o pensamento moderno.

O sujeito, munido da razão exercida de forma clara e objetiva, é agente de transmissão do conhecimento, pois quando a esta é bem direcionada, há a possibilidade de conhecer o novo, alcançar a verdade absoluta das coisas.

Por fim, no que diz respeito à participação do ensino de Filosofia na formação integral dos sujeitos, foi destacado que a dúvida é um elemento indispensável para um ensino crítico e transformador por meio de uma relação dialogal entre aquele que aprende e aquele que ensina, em todas as formas de aprendizado. Descartes, desde o início da modernidade, já apontava por esta importância, tanto que foi através da dúvida que alcançou um ponto seguro em seu pensamento. Nesse sentido, o desenvolvimento deste trabalho cuidou em indicar o exercício do duvidar como característica fundamental do conhecimento.

Vale ressaltar, ainda, que não há a intenção de esgotar a temática aqui trabalhada, visto que a questão que norteou todo o trabalho, **como o método cartesiano contribui para o ensino de filosofia como parte da formação integral dos sujeitos**, auxiliado nesta etapa pelas obras de José Carlos Libânio e Silvio Gallo,

obteve como resposta, após a descrição do método cartesiano, a possibilidade de estabelecer a sua aplicabilidade às práticas didático-pedagógicas na atualidade, especificamente no campo filosófico.

REFERÊNCIAS

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da filosofia: do humanismo a Kant**. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2007

BITENCOURT, Joceval Andrade. **Descartes e a invenção do sujeito**. São Paulo: Paulus, 2017.

DESCARTES, Rene. **Discurso do método**. 5 tir. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

DESCARTES, Rene. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Edipro, 2016.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papirus, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

RACIONALISMO. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 821.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Descartes a metafísica da modernidade**. São Paulo: Moderna, 2004.